

EDITORIAL

Adoecimento docente: o grito silencioso da educação contemporânea

Prezados leitores, a sexta edição da Revista de Estudos Pedagógicos do Cariri emerge em um momento crítico da educação brasileira, quando testemunhamos uma crise silenciosa que assola nossas escolas: o crescente adoecimento dos profissionais da educação. Este fenômeno, que já não pode mais ser ignorado, revela-se como sintoma de transformações sociais profundas que redefiniram as dinâmicas educacionais contemporâneas.

Os dados alarmantes sobre licenças médicas, afastamentos por transtornos psicológicos e o crescente número de professores em tratamento por síndrome de burnout evidenciam uma realidade inquietante. O ambiente escolar, outrora reconhecido como espaço de construção de conhecimento e valores, tem se tornado cenário de tensões extremas que comprometem não apenas a saúde física e mental dos educadores, mas a própria qualidade do processo educativo.

No cerne desta problemática, identificamos um fenômeno sociológico que merece atenção especial: a chegada de uma geração educada sob paradigmas de permissividade extrema, que adentrou nossas salas de aula desprovida de limites claros e estruturas de autoridade bem definidas. Esta geração, moldada por dinâmicas familiares que priorizaram a satisfação imediata de desejos em detrimento da construção de responsabilidades, apresenta-se ao ambiente escolar com expectativas e comportamentos que desafiam frontalmente as bases tradicionais da relação pedagógica.

O professor, figura historicamente respeitada e reconhecida como autoridade moral e intelectual, encontra-se hoje em posição de vulnerabilidade diante de estudantes que não reconhecem limites, que questionam não apenas o conhecimento – o que seria saudável –, mas a própria legitimidade da função docente. Esta inversão de papéis gera um ambiente de constante tensão, onde o educador precisa dedicar energia excessiva para estabelecer condições mínimas de trabalho, energia esta que deveria ser direcionada ao processo de ensino-aprendizagem.

As consequências desta dinâmica são devastadoras para a saúde docente. Professores relatam sentimentos de impotência, frustração crônica e exaustão emocional. A sensação de não conseguir cumprir sua missão educativa, combinada com a constante necessidade de negociar autoridade e estabelecer limites básicos de convivência, tem levado muitos profissionais ao limite de suas capacidades psicológicas e físicas.

Ademais, as condições materiais de trabalho agravam significativamente este quadro. Salas superlotadas, recursos pedagógicos insuficientes, infraestrutura inadequada e baixa remuneração compõem um cenário de precarização que potencializa os efeitos negativos das mudanças comportamentais discentes. O professor, além de lidar com os desafios relacionais contemporâneos, precisa superar obstáculos estruturais que tornam sua prática ainda mais complexa e desgastante.

É fundamental compreender que o adoecimento docente não é um problema isolado, mas sintoma de uma crise mais ampla que atravessa as instituições sociais. A família, primeira instância formativa, tem demonstrado dificuldades crescentes em estabelecer parâmetros claros de comportamento e responsabilidade. A escola, por sua vez, tem sido pressionada a assumir funções que extrapolam sua competência pedagógica, tornando-se responsável por suprir lacunas formativas que deveriam ser preenchidas em outras instâncias socializadoras.

Nesta edição da revista, convidamos a comunidade acadêmica e educacional a refletir sobre estratégias de enfrentamento desta crise. É necessário repensar não apenas as metodologias pedagógicas, mas as próprias bases do contrato social educativo. Precisamos construir consensos sobre o papel da escola, os limites da responsabilidade docente e as formas de estabelecer parcerias efetivas entre família, escola e sociedade.

A valorização do professor passa, necessariamente, pelo reconhecimento de sua autoridade pedagógica e pela criação de condições dignas de trabalho. Não se trata de retroceder a modelos autoritários ultrapassados, mas de estabelecer marcos claros de respeito mútuo e responsabilidade compartilhada no processo educativo.

O sofrimento silencioso de nossos educadores é, em última análise, o sofrimento de toda a sociedade. Uma educação de qualidade depende de

professores saudáveis, motivados e respeitados em sua função social. Ignorar esta realidade é comprometer o futuro de gerações inteiras e perpetuar um ciclo de desvalorização que já produziu consequências demasiadamente graves.

Que esta edição da Revista de Estudos Pedagógicos do Cariri contribua para amplificar este debate necessário e urgente, oferecendo subsídios teóricos e práticos para a construção de uma educação mais humana, justa e sustentável.

Comissão Editorial
Revista de Estudos Pedagógicos do Cariri
Sexta Edição - 2025